

A COMPREENSÃO DO BINÔMIO CORPO - EDUCAÇÃO A PARTIR DA PEDAGOGIA DAS COMPETÊNCIAS: QUESTÕES HISTÓRICAS E PONTUAIS.

AMANDA RIBEIRO MIRANDA
IESMA/UNISULMA
amirandaimp@hotmail.com

Este estudo pretende possibilitar uma reflexão a partir da construção histórica do binômio corpo-educação e dos princípios da pedagogia das competências. Destaca elementos que poderão contribuir para uma compreensão acerca das ambigüidades e implicações decorrentes da expressiva adoção da pedagogia das competências na maioria das escolas brasileiras. Ressalta alguns fatores que envolvem a discussão sobre as dimensões do corpo no processo educativo, buscando compreendê-lo como corpo historicizado e articulado objetiva e subjetivamente aos interesses e necessidades educacionais que emergem das profundas transformações sociais, impulsionadas pelo advento da modernidade, da racionalidade técnica e da reestruturação produtiva.

Palavras-chave: Corpo. Educação. Competências. Subjetividade. Modernidade.

1. INTRODUÇÃO

Temáticas envolvendo a relação entre corpo e educação vêm se tornando cada vez mais evidentes e instigantes no âmbito das pesquisas educacionais. Percebe-se um crescente número de estudos e embates teóricos que colocam o corpo como referencial historicamente incontestável para as análises em torno das práticas educativas.

Neste estudo buscaremos dialogar com autores como Assmann (1995) e Carmem Soares (1994), que apresentam um acúmulo de produção bastante significativa acerca do conceito de corpo historicizado destacando elementos de natureza cultural, econômica e política, que figuram nessa discussão recente, porém bastante pertinente. Buscaremos ainda estabelecer interlocução com as teorizações de Marise Ramos (2002), no que diz respeito aos estudos desenvolvidos em torno do conceito de competência e da noção de qualificação, e com as contribuições de Zarifian (1994), no campo da competência e da lógica

empresarial. Nessa perspectiva procuraremos situar nossas indagações, buscando ressaltar a relevância deste estudo para a pesquisa educacional, considerando a categoria da dialeticidade, sobretudo a partir da necessidade constante de estarmos repensando acerca das práticas educativas e das possibilidades de superações das grandes problemáticas sócio-educacionais que emergem das profundas transformações sociais, impulsionadas pelo advento da modernidade, da racionalidade técnica e da reestruturação produtiva.

Situar a discussão sobre o binômio corpo-educação articulada à discussão acerca da pedagogia das competências se torna relevante, uma vez que o conceito de corpo construído histórica e culturalmente passa a ser considerado como elemento indispensável ao processo de formação humana, podendo ser analisado a partir das suas variadas dimensões, sobretudo nas dimensões econômica e política. Pretendemos envolver nesta discussão, no limite das possibilidades deste ensaio, o tensionamento entre objetividade e subjetividade, que permeia significativamente as teorizações relacionadas ao tema, sobretudo à tentativa de utilização do corpo e suas representações sociais como elementos indispensáveis a uma possível superação deste tensionamento.

Priorizaremos uma análise do binômio corpo-educação a partir das reflexões acerca da pedagogia das competências, por entendermos que esta surge no bojo de um contexto, que, a exemplo do século XIX, influenciou uma série de profundas mudanças no âmbito das relações sociais de produção, trazendo sérias conseqüências para o contexto educativo e, obviamente, para relação corpo e educação, que se faz perceber de maneira cada vez mais acirrada.

Destarte, algumas proposições emergem a partir destas indagações, das quais destacamos as seguintes:

- A necessidade de adaptações, no sentido da incorporação de novas práticas educativas, influenciadas por um novo paradigma econômico-social, ou seja, uma necessidade de reformulação nos processos de formação humana e concepções educativas.

- Uma aparentemente "revalorização" do corpo¹, considerando-o agora como um elemento essencial para o processo educativo e não mais como um elemento acessório, que poderá contribuir significativamente a partir do trato pedagógico em relação às suas representações sociais, suas emoções, códigos, comportamentos e atitudes.

A respeito desta segunda proposição, pretendemos problematizá-la partindo de alguns pontos-chave essenciais à articulação com a pedagogia das competências, sobretudo no sentido de tornar possível a compreensão sobre o lugar que o corpo assume no processo educativo, a partir desse novo paradigma educacional.

2. SOBRE O CORPO

De acordo como a economista Maria Cecília Donaldson (2004), em seus estudos sobre a história do corpo humano, "a história do corpo humano é a história da civilização". Partindo desse entendimento tentaremos perceber as questões ligadas ao corpo, buscando sempre uma compreensão historicizada. Para este ensaio, consideraremos o período histórico que se inicia no século XIX, por entendermos, conforme Carmem Soares (1994) reafirma, que este século é particularmente importante para a elaboração dos conceitos básicos sobre o corpo com ênfase na sua utilização enquanto força de trabalho.

É importante ressaltarmos que neste período, embora tenha havido um movimento de valorização do corpo, o que se tinha de fato era o conceito de corpo fragmentado, um homem fragmentado, fortemente influenciado pelo pensamento cartesiano, que através de uma visão dualista tem como fundamentos: axiomas matemáticos, ordem e leis da mecânica. Diferente do referencial de corpo idealizado pelos gregos reforçava-se esta visão dualista entre corpo e mente de maneira bastante utilitarista e adequada ao capital: o corpo produtivo, forte e saudável. "Um corpo a-histórico, indeterminado, um corpo

¹ Entendemos que essa questão da revalorização do corpo, no contexto da sociedade da informação, se apresenta de forma bastante ambígua e polêmica, uma vez que pode indicar uma superação da visão dualista de corpo, como pode também significar a reafirmação desta concepção.

anatomo-fisiológico, meticulosamente estudado e, cientificamente explicado" (SOARES, 1994, p. 10).

Nesta perspectiva o corpo em questão serviria como instrumento indispensável à consolidação do Estado burguês e da própria burguesia enquanto classe. Conforme destacado pela autora:

Para manter sua hegemonia, a burguesia necessita, então investir na construção de um homem novo, um homem que possa suportar uma nova ordem política, econômica e social, um novo modo de reproduzir a vida sob novas bases. A construção desse homem novo, portanto, será integral, ela cuidará igualmente dos aspectos mentais, intelectuais, culturais e físicos. (SOARES, 1994, p. 10).

Podemos perceber algumas semelhanças entre os aspectos citados anteriormente, sobre as representações do corpo no século XIX, e alguns aspectos verificados neste período mais atual que compreende as últimas décadas do século XX e início do século XXI. Um desses aspectos diz respeito ao fato em que, assim como ocorreu no século XIX, a partir da Revolução Industrial, vivenciamos contemporaneamente, um momento marcado por profundas transformações geradas especialmente a partir dos impactos sociais da globalização, da modernidade competitiva, da reestruturação produtiva, enfim de uma série de mudanças que suscitam um novo ajuste no plano ideológico e social.

Nesse sentido convém reafirmarmos o que a literatura acerca do tema já nos indica, ou seja, que há um forte movimento no sentido de possibilitar a construção de um novo homem. Um homem que seja capaz de adaptar-se rapidamente e atender as novas exigências de forma mais eficiente e competitiva, de acordo com as necessidades dos novos parâmetros econômicos e sociais. O que sugere, portanto, a necessidade de um processo de adaptação do corpo frente aos novos modelos de produção.

O corpo como elemento de convergência entre a racionalidade técnica e a subjetividade. É possível?

Com o objetivo de situar o nosso objeto de estudo, buscaremos a contribuição de Marize Ramos (2002), sobre educação profissional e qualificação, onde percebe-se uma discussão em torno das categorias histórico-sociais da formação humana. A autora analisa o processo de construção das três dimensões da qualificação: a *dimensão conceitual*, a *dimensão social* e a *dimensão experimental*, bem como o deslocamento do conceito de qualificação para a noção de competência. Destaca-se, entretanto um movimento tendencial de aproximação entre a dimensão experimental da qualificação e o conceito de competência e as implicações históricas desse movimento para o enfraquecimento, especialmente da dimensão social da qualificação².

É a partir desse recorte em torno da temática educação e trabalho que tentaremos estabelecer uma articulação teórica com o nosso objeto de estudo, que investigará o modelo de corpo construído historicamente, o corpo que se revela cada vez mais fragmentado, considerando a emergência da sociedade da informação, do conhecimento, um corpo simulacro, multifacetado, enfim, um corpo de múltiplas determinações, capaz de possibilitar "a convergência entre a racionalidade técnica e a subjetividade" (RAMOS, 2002, p.133).

Enquanto possibilidade concreta de expressão dos nossos comportamentos e atitudes, o corpo representa um elemento chave no que diz respeito ao processo de fortalecimento da dimensão experimental da qualificação, processo este que emerge com o deslocamento do conceito de qualificação para a noção de competência.

Dito isto, questionamos: no contexto de definição do modelo de competência, há espaço para uma superação do conceito dualista e, portanto fragmentado de corpo, ou contrariamente, há apenas um redimensionamento desse conceito sinalizando um retrocesso de natureza liberal e positivista, esgotando, desta forma, a possibilidade de uma formação plena e autônoma, sustentada em uma concepção na qual o corpo é compreendido a partir de seus determinantes históricos, culturais e políticos?

Esta é uma das questões problematizadoras deste estudo, que buscará evidenciar a relevância da temática corpo-educação, a partir dos princípios da

² Essa discussão é bastante pertinente. Porém neste momento não iremos aprofundá-la uma vez que ela permeará as discussões posteriores sobre corpo e educação.

pedagogia das competências, procurando destacar algumas contradições que, por um lado, inviabilizam um projeto educacional pautado numa perspectiva crítica e transformadora e por outro, aproximam-se de um projeto pautado numa perspectiva adaptativa.

Para contribuir com as nossas indagações, retomaremos os estudos realizados por RAMOS (2002, p.68) acerca do processo de deslocamento convergente entre a noção de qualificação e o conceito de competência, a partir do fortalecimento da dimensão experimental da qualificação. Entendemos que esta discussão é crucial para o estabelecermos vínculos importantes com o objeto desse estudo, ao permitir uma análise da formação humana à luz da formação do trabalhador. Nessa perspectiva a autora alerta que não podemos perder de vista a relação trabalho-educação, bem como o entendimento de que:

[...] o trabalho, na sua perspectiva ontológica, não se reduz ao sujeito, mas envolve todo o movimento contraditório de produção e reprodução da existência, estando o homem em relação dialética com a natureza e com os outros homens. Nesse processo, constroem-se conhecimentos e se produzem bens materiais com valor de uso. A qualificação é uma mediação do processo em que se relacionam o trabalho concreto e as aprendizagens subjetivas e sociais.

Sobre a competência SCHWARTZ apud RAMOS (2002, p.66) destaca que

Com a competência, tomam lugar o saber-fazer, proveniente da experiência, os registros provenientes da história individual ou coletiva dos trabalhadores, ao lado dos saberes mais teóricos tradicionalmente valorizados na lógica da qualificação. Enfim, fundamentada sobre a valorização da *implicação subjetiva* no conhecimento, ela desloca a atenção para a atitude, o comportamento e os saberes tácitos dos trabalhadores.

Entendemos que nesse contexto, a questão da corporeidade se torna central, à medida que expressa atitudes e comportamentos humanos. Podemos perceber esta aproximação também a partir do entendimento de Zarifian sobre competência, especialmente quando destaca a *dimensão compreensiva*. Sobre a dimensão compreensiva ZARIFIAN apud RAMOS (2002, p. 67) entende que "A dimensão compreensiva se revela na interação social, quando o sujeito deve interpretar os comportamentos humanos à luz, mesmo parcial, das razões que os motivam. A inteligência é dita prática pelo fato de ser orientada à ação".

A nossa proposição passa pela compreensão de que as práticas educativas contemporâneas procuram adotar os princípios sustentados pelo paradigma da pedagogia das competências, o que implica dizer que, de acordo com o que foi percebido neste estudo, até este ponto, cada vez mais há uma notável solicitação, no que diz respeito a uma maior inserção do corpo no processo educativo, considerando suas múltiplas determinações e suas significativas contribuições.

O corpo, nessa perspectiva pode ser considerado como o ponto de mediação, capaz de viabilizar concretamente o trabalho com a dimensão subjetiva da formação humana, a partir de práticas educativas voltadas para a formação de competências, não apenas aquelas que dizem respeito aos processos cognitivos, mas às atitudes e aos comportamentos, especialmente aqueles que atendem as necessidades geradas no bojo dos novos modelos de produção, ou seja, solidariedade, cooperação, trabalho em equipe, flexibilidade, liderança, autonomia – embora controlada, entre outros. Como afirma ASSMANN (1995, p. 77), "a corporeidade não é fonte complementar de critérios educacionais, mas seu foco irradiante primeiro e principal".

Na sala de aula a materialização desse processo pode ser percebida com bastante incidência, através das "dinâmicas" e dos "projetos", que costumam colocar o corpo em evidência, seja para motivar, seja para desenvolver conteúdos, seja para fomentar determinados comportamentos e atitudes. Professores e gestores pedagógicos têm recorrido com bastante frequência a essas práticas educativas que emergem com as novas necessidades pedagógicas definidas pela pedagogia das competências.

Essa crescente projeção dos princípios da pedagogia das competências nas salas de aula, conforme já comentado neste estudo, buscam em especial, alcançar a dimensão subjetiva da formação humana articulando-a com elementos claramente relacionados à racionalidade técnica e administrativa. No que diz respeito à reafirmação do modelo de competência e suas implicações na formação humana, Mônica Silva (2004, p. 13), ao tratar da formação do "novo" trabalhador afirma:

Todo o conhecimento a ser ensinado deve estar associado, de modo imediato, ao *fazer*. Saber e saber-fazer associam-se para produzir uma nova subjetividade – o *saber-ser* – capaz de adequar o trabalhador aos imperativos das formas de produzir postas pelas tecnologias e formas de gestão do trabalho características da produção integrada e flexível. A fabricação dessa “nova” subjetividade deve, necessariamente, desconsiderar as mediações históricas e culturais de produção do trabalho alienado, do trabalho como mercadoria. Somente desse modo, administrando a tal ponto a formação do trabalhador, seria possível integrá-lo ao movimento de reestruturação da produção e da sociedade como um todo, pois, ao ultrapassar os muros da fábrica, a lógica da competição, que gera a sujeição do indivíduo às regras da acumulação capitalista, precisa submetê-lo e, nesse movimento, submeter a sociedade como um todo, tornando-a *administrada*.

Nessa perspectiva, a formação da nova subjetividade passa necessariamente pelo *saber-fazer*, princípio este que sugere uma participação incondicional do corpo no processo educativo. No entanto, longe de possibilitar um maior grau de autonomia, este processo acaba gerando uma forma de maior controle sobre a formação humana, que em nada contribui para a superação da dicotomia corpo e mente. Ao contrário, reafirma-a com base na racionalidade técnica.

Entretanto, de acordo com RAMOS (2002), quando indaga a respeito da aproximação entre competência e qualificação, a partir da dimensão experimental, destaca o entendimento de Bollon e Duboi apud Ramos (2002, p.68) que afirmam: "a qualificação não pode se reduzir à noção de competência porque esta subestima a dimensão social das relações de trabalho". Nesse sentido convém questionarmos se o conceito de competência, nos moldes como é valorizado pela pedagogia das competências é suficiente no sentido de propiciar ao homem enquanto ser histórico e social, as condições objetivas e subjetivas da sua formação, possibilitando uma apropriação histórico-crítica da produção de sua existência. Será esse o caminho para alcançar o que a autora chama de subjetividade emancipatória? Conforme nos indica RAMOS (2002, pág. 68-69)

[...] conquanto a qualificação remeta-se ao homem em suas condições históricas de produção da existência, construindo-se como conceito histórico-concreto de mediação da relação trabalho-educação, a competência, por abstrair essas múltiplas determinações da atividade humana, pode resgatar uma compreensão essencialista do trabalho, cujo centro, ao invés de ser o posto de trabalho, desloca-se para o sujeito abstraindo das suas relações sociais.

Estas considerações nos levam a refletir acerca da possibilidade de percebermos o corpo, bem como o binômio corpo-educação enquanto construção histórica e social, considerando os aspectos singulares e coletivos do homem, no âmbito das relações sociais, e se este movimento pode de fato representar uma ferramenta imprescindível ao processo de formação humana, numa perspectiva histórica e transformadora. Para tanto é necessária uma superação do tensionamento entre competência e qualificação no que diz respeito à manutenção dos princípios das relações sociais na lógica da competência, porém articulando-os com um novo modelo de acumulação essencialmente diferente do modelo capitalista. Um modelo que possibilite uma formação humana crítica, autônoma e não alienada, uma formação que tenha como referencia a contradição e a transformação, e não a adaptação. Considerando o plano ideológico desta discussão, RAMOS (2002, p. 304) reafirma

[...] Concluimos o quanto a noção de competência é limitada em relação à perspectiva da formação humana, da mesma forma como a ideologia que busca conferir legitimidade aos novos padrões de acumulação do capital e de relações sociais tem seu limite na construção de uma concepção de mundo transformadora. Estamos certos, então, de que os conceitos e ideologias devem ser enfrentados no plano concreto das relações sociais de produção, pelos sujeitos sociais organizados, como problema material sócio-histórico e ético político.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos acerca do corpo desdobram-se pelas mais diferentes áreas, concentrando-se especialmente nas ciências biológicas. No campo das ciências sociais, especialmente no campo da educação, verificamos diferentes possibilidades de interlocução entre as teorizações que envolvem corpo e educação. Nesse estudo buscamos possibilitar uma interlocução entre a relação corpo-educação e a pedagogia das competências, no sentido de destacar as ambigüidades e implicações decorrentes da adoção expressiva da pedagogia das competências, na maioria das escolas brasileiras. Destacamos alguns os equívocos deste processo, a medida que observamos um movimento crescente e tendencial de praticas educativas, citadas anteriormente, que na sua essência,

subordinam aspectos históricos, culturais e sociais a aspectos relacionados unicamente aos princípios ligados ao individualismo, à organização empresarial, à competição – disfarçada de cooperação, à flexibilidade, à adaptação e ao imprevisível.

Buscar a articulação entre o binômio corpo-educação e a relação educação e trabalho, não tem sido tarefa fácil. No entanto acreditamos que o caminho que escolhemos para refletir acerca destes elementos, nos proporcionou uma reflexão extremamente necessária à medida que nos apropriamos de uma vasta produção acerca do processo de formação humana e das suas categorias histórico-sociais. É interessante destacar que a partir dessa incursão pelo tema percebemos que, sendo o trabalho uma categoria fundante da produção e reprodução da existência humana, a formação humana não pode ser pensada separadamente da formação do trabalhador. E, com base nesta afirmação, fomos buscar os elementos que evidenciaram a íntima relação entre corpo, educação e trabalho, sobretudo quando tentamos estabelecer aproximações entre a discussão em torno da qualificação e da competência e a questão do corpo e suas múltiplas determinações, como elemento chave, para o desenvolvimento da dimensão subjetiva da formação humana, a partir da lógica da pedagogia das competências.

Ao longo deste ensaio foram levantadas questões que consideramos pertinentes, no sentido de contribuir para futuras indagações acerca dessa temática que, se bem compreendida, poderá fornecer subsídios essenciais para estudos voltados à superação das grandes problemáticas educacionais e à construção de um projeto de educação comprometido com a formação autônoma, crítica e transformadora.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. Paradigmas educacionais e corporeidade. 3. ed. Piracicaba: UNIMEP, 1995. 123p.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza: *Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação*. In: Reunião Anual da ANPED, 26., 2003, Poços de Caldas. **Anais...** Poços de Caldas: 2003.

RAMOS, Marise Nogueira. *A Pedagogia das Competências: autonomia ou Adaptação?* / Marise Nogueira Ramos. – 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Monica Ribeiro da. *Competências: fluidez e ambigüidades para administrar a formação do “novo” trabalhador*. In: Reunião Anual da ANPED, 27., 2004, Caxambu. **Anais...** Caxambu: 2004

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

UGARTE, Maria Cecília Donaldson. *Homo-motor, ciborgues e aha! pessoas: da revolução industrial a revolução da informação*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Campinas, São Paulo, 2004.

ZARIFIAN, Philippe. *Competências e Organização Qualificadora no Meio Industrial*. IN: MINET, Francis; PARLIER, Michel; WITTE, Serge. *La Compétence: my the, construction ou réalité?* Paris, L Harmattam, 1994.

ZARIFIAN, Philippe, *O Modelo de Competência: Trajetória Histórica, Desafios e Propostas* / Philippe Zarifian; tradução Eric Roland René Henecalt. – São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2001.